

## CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: RELATO DE CASO COM APLICAÇÃO CONTÁBIL EM EMPREENDIMENTOS LOCAIS

## CURRICULAR INTEGRATION OF UNIVERSITY EXTENSION: A CASE REPORT ON ACCOUNTING PRACTICES IN LOCAL BUSINESSES

Carlos Roberto Souza Carmo<sup>1</sup>

Renata de Oliveira Souza Carmo<sup>2</sup>

### RESUMO:

Este artigo apresenta um relato de caso sobre uma ação extensionista desenvolvida no curso de Ciências Contábeis de uma universidade pública de Minas Gerais, envolvendo 24 estudantes em período integral. A atividade consistiu na elaboração e aplicação de planilhas eletrônicas de cálculo voltadas ao apoio à tomada de decisão na gestão de 13 entidades externas à universidade, majoritariamente atuantes no setor de serviços. A proposta teve como objetivo promover a aplicação prática dos conhecimentos contábeis em contextos reais, contribuindo para a formação cidadã dos alunos e para a sustentabilidade das entidades atendidas. A avaliação da ação foi realizada por meio de instrumentos específicos (para alunos e para entidades), compostos por questões de avaliação objetiva e subjetiva, revelando altos índices de satisfação e reconhecimento da relevância prática da ação extensionista. Foram identificadas limitações relacionadas à carga horária e à diversidade das entidades, bem como propostas de aprimoramento envolvendo capacitação técnica e acompanhamento pós-intervenção. Os resultados reforçam o papel da extensão universitária como prática pedagógica transformadora e como instrumento de articulação entre universidade e sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** contabilidade; gestão; sociedade; formação cidadã.

### ABSTRACT:

---

<sup>1</sup> Pós-doutorado pela Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos da USP (FZEA-USP) (2024). Doutor pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP) (2020). Mestre pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) (2008). Especialização em Ciência de Dados e *Big Data Analytics* (2024). Especialização em *Data Mining* (2024). Especialização em Análise e Desenvolvimento de Sistemas em Python (2023). MBA em Controladoria e Finanças (2001). Bacharel em Ciências Contábeis (1999). Professor da Faculdade de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Uberlândia (FACIC-UFG). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3806-9228>. e-mail: carlosjj2004@hotmail.com.

<sup>2</sup> Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia – PPGED-UFG (2018). Possui licenciatura em Letras Português-Inglês e Pedagogia. Atua como professora de língua portuguesa e língua inglesa, suas literaturas e suas metodologias de ensino na Universidade de Uberaba e na Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de Uberaba-MG. e-mail: renatadeoliveira.carmo@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0997-0754>.

This article presents a case report on an extension project carried out within the Accounting Sciences program at a public university in Minas Gerais, Brazil, involving 24 full-time students. The activity consisted of designing and implementing electronic spreadsheets to support decision-making processes in the management of 13 external organizations, most of which operate in the service sector. The initiative aimed to foster the practical application of accounting knowledge in real-world contexts, contributing to students' civic education and the sustainability of the participating entities. The project was evaluated using tailored instruments for both students and organizations, comprising objective and subjective questions. The results revealed high levels of satisfaction and recognition of the practical relevance of the extension activity. Identified limitations included time constraints and the diversity of the entities involved, alongside suggestions for improvement such as technical training and post-intervention follow-up. The findings reinforce the role of university extension as a transformative pedagogical practice and a tool for strengthening the connection between academia and society.

**KEYWORDS:** accounting; management; society; civic education.

## 1 Introdução

A extensão universitária, enquanto dimensão indissociável do ensino e da pesquisa, constitui um instrumento estratégico para o cumprimento da função social das universidades. Ao promover a interação dialógica entre saberes acadêmicos e demandas sociais, a extensão contribui para a formação cidadã dos estudantes e para o desenvolvimento das comunidades envolvidas (Coelho, 2015; Hunger *et al.*, 2014). Nesse contexto, as ações extensionistas assumem papel central na construção de uma universidade engajada, capaz de produzir conhecimento aplicado e de atuar como agente de transformação social (Ortiz-Rojo; Lacruz, 2025).

Este artigo apresenta um relato de caso sobre uma ação extensionista desenvolvida no âmbito do curso de Ciências Contábeis de uma universidade pública de Minas Gerais, envolvendo a participação de 24 alunos em período integral. A atividade consistiu na elaboração e aplicação de planilhas eletrônicas de cálculo voltadas ao apoio à gestão de entidades externas à universidade, com foco na organização financeira e na melhoria de processos administrativos. Foram atendidas 13 entidades, das quais 11 pertenciam ao segmento de serviços (incluindo salões de beleza, pet shop, escritório de advocacia, artesanato, tatuagem, consultoria empresarial, fotografia, aluguel de roupas, diarista e bronzeamento), e outras 2 pertenciam ao segmento comercial (comércio de frios e de roupas).

A proposta da ação foi aproximar os estudantes da realidade prática das organizações locais, promovendo a aplicação dos conhecimentos contábeis em contextos reais e diversos, com o auxílio de planilhas eletrônicas de cálculo. Ao mesmo tempo, buscou-se oferecer às entidades atendidas instrumentos de gestão acessíveis e personalizados, baseados na utilização

de planilhas eletrônicas, de forma a contribuir para sua sustentabilidade e autonomia. A atividade foi estruturada com base nos princípios da extensão universitária previstos na Resolução MEC/CNE/CES nº 7/2018, que estabeleceu diretrizes para a curricularização da extensão nos cursos de graduação.

A realização deste relato como pesquisa científica justifica-se, em primeiro lugar, por duas razões empíricas: a necessidade concreta de apoio técnico à gestão de micro e pequenos empreendimentos, muitos das quais operam sem estrutura formal ou ferramentas adequadas de controle financeiro, como evidenciado pelas entidades atendidas; a demanda dos próprios estudantes por experiências práticas e contextualizadas, que permitam aplicar os conteúdos curriculares em situações reais, fortalecendo sua formação profissional e cidadã.

Do ponto de vista teórico, a pesquisa se justifica por duas razões fundamentais: a primeira consiste na validação da extensão como prática pedagógica transformadora, conforme defendido por autores como Jezine (2001) e Gadotti (2017), que apontam a importância da universidade se abrir à sociedade e produzir conhecimento socialmente referenciado; e, a segunda é a necessidade de sistematizar e divulgar experiências extensionistas exitosas, contribuindo para o fortalecimento da cultura de extensão nas instituições de ensino superior e para a construção de modelos replicáveis em diferentes contextos.

A avaliação da ação foi realizada sob duas perspectivas complementares: a dos alunos participantes e a das entidades atendidas. Foram aplicados instrumentos de coleta de dados compostos por questões de caráter objetivo e de caráter subjetivo, cujas respostas foram avaliadas a partir de estatísticas descritivas aplicadas à escalas de satisfação, e ainda, por nuvens de palavras geradas a partir de respostas abertas. Os resultados revelaram altos índices de satisfação, reconhecimento da relevância prática da atividade e sugestões construtivas para seu aprimoramento. A análise foi orientada por um referencial teórico que articula os conceitos de extensão crítica, universidade cívica e produção de conhecimento aplicado.

Dessa forma, este artigo tem como objetivo apresentar e analisar os resultados da ação extensionista realizada, destacando seus impactos formativos e sociais, suas limitações e suas potencialidades como prática transformadora no contexto da educação superior pública brasileira.

## **2 Referencial Teórico**

Embora reconhecida como uma das três funções essenciais da universidade, ao lado do ensino e da pesquisa, a extensão universitária, é a mais recente em termos de institucionalização. Sua consolidação como prática acadêmica tem sido marcada por desafios, especialmente devido à sua natureza interdisciplinar e à atuação fora dos espaços tradicionais de ensino, como salas de aula e laboratórios. Essa característica contribui para que, historicamente, a extensão tenha sido pouco compreendida e assimilada pelas instituições de ensino superior (Medeiros, 2017; Paula, 2013).

As primeiras manifestações da extensão no Brasil remontam ao início do século XX, com registros desde 1911 em instituições localizadas em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Essas ações seguiam modelos europeus, voltados à educação continuada, à formação das classes populares e à prestação de serviços em áreas rurais (Paula, 2013). Apesar disso, o primeiro marco legal só surgiu em 1931, com o Estatuto da Universidade Brasileira, por meio do Decreto-Lei nº 19.851; no entanto, esse documento não reconhecia a extensão como função universitária, limitando-se à divulgação científica para públicos mais instruídos (Gadotti, 2017).

Até o final da década de 1960, a universidade pública brasileira era predominantemente voltada ao ensino, centrada na relação professor-aluno em sala de aula (Hunger *et al.*, 2014). A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1961 já indicava ações de transmissão de conhecimento e assistência, mas foi somente com a Reforma Universitária de 1968 (Lei nº 5.540/68) que a extensão passou a ser oficialmente incorporada como atividade universitária, prevendo cursos e serviços voltados à comunidade (Medeiros, 2017; Gadotti, 2017).

A partir da década de 1970, iniciou-se um esforço para conceituar a extensão universitária, embora ainda predominasse a visão de que ela se restringia à oferta de cursos e serviços, o que dificultava sua consolidação como dimensão acadêmica plena (Medeiros, 2017). Com a redemocratização nos anos 1980, cresceu a demanda social por uma universidade mais comprometida com as camadas populares, e a extensão passou a ser vista como instrumento de resgate do papel social da instituição (Medeiros, 2017).

Nesse contexto, a extensão foi assumida como um processo educativo, cultural e científico que articula ensino e pesquisa de forma indissociável, promovendo uma relação transformadora entre universidade e sociedade (Hunger *et al.*, 2014). O ressurgimento de movimentos populares e organizações da sociedade civil no final dos anos 1970 e início dos anos 1980 também contribuiu para o fortalecimento da extensão, especialmente sob a perspectiva da educação popular (Gadotti, 2017).

Um marco importante foi a criação, em 1987, do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (atualmente denominado de FORPROEX), que teve papel decisivo na formulação de políticas públicas de extensão, na construção de instrumentos de avaliação e na institucionalização da extensão como dimensão indissociável da atuação universitária (Medeiros, 2017; Paula, 2013). O FORPROEX defendeu a extensão como uma via de mão dupla entre universidade e sociedade, valorizando tanto o saber acadêmico quanto o saber popular (Gadotti, 2017).

A partir da década de 1990, o discurso sobre a extensão passou a enfatizar a superação da dicotomia entre ensino e pesquisa, reforçando seu papel integrador e transformador (Hunger *et al.*, 2014). A Constituição Federal de 1988 e a LDB de 1996 (Lei nº 9.394/96) consolidaram o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; todavia, na prática, a extensão ainda era frequentemente tratada como atividade secundária, associada a cursos não regulares, prestação de serviços ou ações assistencialistas (Gadotti, 2017).

Em 2001, o Plano Nacional de Extensão reafirmou a importância da articulação entre ensino, pesquisa e extensão, especialmente após a criação do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), que culminou na formulação da Política Nacional de Extensão Universitária. Essa política passou a orientar as práticas extensionistas no país, com foco em ações voltadas à melhoria da qualidade de vida, à preservação ambiental e à inovação tecnológica (Medeiros, 2017).

Em 2012, o FORPROEX atualizou as diretrizes da extensão, reforçando a interdisciplinaridade, a interprofissionalidade e a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (Gadotti, 2017). Apesar dos avanços, ainda persistiram obstáculos estruturais e culturais dentro das universidades, que limitam a efetivação plena da extensão como prática transformadora (Gadotti, 2017). Entre os exemplos mais significativos de ações extensionistas está o programa das Universidades Abertas para a Terceira Idade, que promove a inclusão social de idosos de diferentes classes e faixas etárias, assegurando-lhes o exercício da cidadania e o reconhecimento de seus direitos (Medeiros, 2017).

A extensão universitária ocupa um lugar estratégico na formação acadêmica dos estudantes e na atuação social das instituições de ensino superior. Ao promover a interação direta entre universidade e comunidade, as atividades extensionistas proporcionam aos alunos experiências práticas que favorecem o desenvolvimento de competências técnicas e interpessoais, como empatia, comunicação e trabalho em equipe. Simultaneamente, essas

ações oferecem serviços à população, fortalecendo o papel da universidade na promoção da inclusão social e da justiça fiscal (Carvalho; Oliveira, 2025).

Essa dimensão da educação superior é reconhecida como essencial para a articulação entre conhecimento acadêmico e realidade social. Por meio da extensão, as universidades podem contribuir com soluções para problemas locais e promovem o desenvolvimento social, cultural e econômico. Para os estudantes, essa vivência estimula a inovação e a aplicação prática dos saberes adquiridos; para a comunidade, representa um suporte significativo, ampliando a conscientização e a inclusão (Soares, 2025).

O reconhecimento da extensão como instrumento pedagógico na formação universitária começou a se consolidar a partir da década de 1980, com sua formalização progressiva na estrutura curricular dos cursos. Esse processo culminou na Resolução MEC/CNE/CES nº 7/2018, que tornou obrigatória a curricularização da extensão, exigindo que os cursos de graduação integrassem atividades extensionistas ao percurso acadêmico dos estudantes (Coelho, 2015; Soares, 2025).

A participação dos alunos em projetos de extensão desloca o eixo pedagógico tradicional centrado na relação professor-aluno para uma dinâmica que privilegia o vínculo aluno-comunidade. Nesse contexto, o professor assume o papel de orientador, tutor e educador, atuando como coparticipante no processo formativo. Habilidades como escuta ativa, comunicação com públicos diversos e organização de equipes multidisciplinares são desenvolvidas de forma mais efetiva na extensão do que nas disciplinas convencionais (Coelho, 2015).

O papel da universidade na sociedade tem sido amplamente debatido, especialmente no que diz respeito à sua contribuição para o desenvolvimento econômico e social. Além das funções tradicionais de ensino e pesquisa, a extensão é considerada a terceira missão da universidade, sendo responsável por canalizar e concretizar sua atuação junto à sociedade (Ortiz-Rojo; Lacruz, 2025). Nesse sentido, diversas abordagens têm sido propostas para compreender essa missão: a abordagem da universidade empreendedora foca na produção e transferência de conhecimento e tecnologia; a universidade cívica atua como agente social inovador, conectando diferentes níveis e setores; e a universidade engajada propõe uma atuação voltada para questões sociais, com impacto direto no desenvolvimento das comunidades envolvidas (Ortiz-Rojo; Lacruz, 2025).

Embora a extensão universitária tenha ganhado relevância nas últimas décadas, seu conceito ainda carrega ambiguidades que dificultam uma definição precisa e consensual. Em termos gerais, entende-se como atividades extramuros realizadas pela comunidade

universitária junto à sociedade, englobando ações como cursos, assistência técnica, formação continuada e prestação de serviços, porém, essa amplitude conceitual contribui para interpretações diversas e, por vezes, conflitantes (Coelho, 2015).

A revalorização da extensão como atividade universitária tem sido motivada por múltiplos interesses: professores buscam romper o isolamento institucional e ampliar a influência da universidade; estudantes reivindicam experiências práticas que contribuam para sua formação profissional; comunidades esperam da universidade conhecimentos úteis para enfrentar seus desafios; e o Estado vê na universidade um instrumento para implementar políticas sociais e qualificar setores estratégicos (Coelho, 2015).

No campo conceitual, a extensão universitária brasileira tem sido alvo de debates que questionam a relação entre universidade e sociedade. De um lado, há quem defenda a extensão como função institucional articuladora entre ensino, pesquisa e ação social; de outro, há quem sustente que a universidade não deve assumir responsabilidades diretas sobre os problemas sociais, limitando-se à produção e socialização do conhecimento (Jezine, 2001). Essa polarização revela tensões entre uma universidade voltada à transformação social e outra centrada na difusão acadêmica tradicional.

Além dessas controvérsias internas, a literatura internacional sobre engajamento universitário apresenta uma lacuna significativa no que diz respeito ao Sul Global (Ortiz-Rojo; Lacruz, 2025). A maioria dos estudos empíricos concentra-se em países da Europa e América do Norte, com forte viés voltado à transferência de tecnologia, especialmente no contexto norte-americano; por outro lado, as universidades do Sul Global enfrentam desafios específicos, relacionados a desigualdades sociais, instabilidades políticas e limitações econômicas, que demandam abordagens próprias e contextualizadas (Ortiz-Rojo; Lacruz, 2025).

Diante desse cenário, torna-se evidente a necessidade de aprofundar a compreensão sobre como as universidades do Sul Global, especialmente no Brasil, têm articulado suas práticas extensionistas com os contextos sociais em que estão inseridas. Ao apresentar essa lacuna, justifica-se novamente a realização da presente pesquisa, que busca contribuir para o debate sobre o papel transformador da extensão universitária em realidades marcadas por profundas desigualdades.

### **3 Metodologia de Pesquisa**

O relato de caso configura-se como uma relevante fonte de dados, capaz de oferecer subsídios essenciais para a compreensão de situações inéditas, inovadoras ou com desfechos atípicos; sendo que, sob a perspectiva ética, embora a submissão prévia ao comitê de ética em pesquisa seja considerada uma prática recomendável, ela não é necessariamente obrigatória (Yoshida, 2007). Especialmente em situações como a deste trabalho, na qual não se analisam dados individualizados e, pelo contrário, foram analisados somente os resultados totais da prática desenvolvida, não são reveladas ou discutidas quaisquer opiniões ou posicionamentos individuais que permitam a identificação de qualquer um dos respondentes dos respectivos instrumentos de coleta de dados, e portanto, discute-se a ação extensionista em si enquanto objeto de estudo.

Acerca dos procedimentos desenvolvidos para implementação da ação extensionista objeto deste relato, inicialmente, na primeira aula da primeira semana de aula do semestre letivo, denominada ilustrativamente de semana 0, todo o planejamento estabelecido para a atividade curricular de extensão foi apresentado, explicado detalhadamente e discutido com os alunos integrantes da turma.

Nas 20 horas seguintes, destinadas à atividade curricular de extensão, distribuídas ao longo das semanas 1 até 10, foram realizadas aulas expositivas e dialogadas voltadas ao treinamento e alinhamento do conhecimento dos alunos acerca do conteúdo referente à utilização, em nível básico, das planilhas eletrônicas de cálculo no dia a dia acadêmico e profissional.

De forma complementar, após cada encontro semanal presencial em laboratório de informática, os alunos realizaram atividades para fixação do conteúdo alvo do treinamento na respectiva semana. Tais atividades foram realizadas e entregues por meio do ambiente virtual de aprendizagem (AVA) Moodle, que é o recurso institucionalmente utilizado pela universidade na qual esta atividade curricular de extensão foi implementada, totalizando 21 horas adicionais àquelas 20 horas iniciais, distribuídas também ao longo da semana 1 até 10 do curso em questão.

Dessa maneira, ao longo das semanas 1 até 10, foram realizadas 20 horas de treinamento em laboratório de informática, e ainda, outras 21 horas foram destinadas à realização de atividades para fixação da aprendizagem, ambas sobre o seguinte conteúdo relacionado à aplicação de planilhas eletrônicas de cálculo:

- a)introdução a planilhas eletrônicas de cálculo conceitos: coluna, linha, matriz e células, barras de ferramentas, layout e opções especiais;

- b)tratamento de dados: importação, localização, substituição, formatação, validação de dados classificação, filtragem e subtotais;
- c)fórmulas, funções e cálculos básicos: soma, contagem, média, máximo, maior, mínimo, menor, operações condicionais simples, procura e referência; e
- d)funções categorizadas: funções matemáticas básicas, funções financeiras básicas, funções lógicas básicas, funções estatísticas básicas.

Também foi utilizado um material de apoio composto por textos e apresentação sobre o conteúdo alvo do treinamento nivelador, de forma a viabilizar o acompanhamento uniforme por parte da turma e o trabalho em duplas, favorecendo a troca de informações sobre a compreensão e utilização das técnicas e fórmulas.

Para a exposição, no treinamento desenvolvido em laboratório de informática, foi utilizado o quadro branco e recursos audiovisuais baseados em softwares apresentados com o uso de datashow e, ainda, o uso dos recursos de informática normalmente disponíveis no laboratório da instituição, além do material de apoio e exercícios disponibilizados no AVA Moodle, conforme já detalhado.

Ao longo das 2 semanas seguintes, portanto, da semana 11 e 12, ou seja, nas 10 horas seguintes da atividade curricular de extensão, após ao alinhamento e definição das técnicas a serem utilizadas, devidamente agrupados em duplas, os alunos deveriam realizar uma pesquisa de campo para coleta de dados em uma entidade empresária de qualquer natureza econômica (comércio, serviço ou indústria) ou, desejável, em um escritório de contabilidade, ou ainda, em algum nicho familiar, de tal forma que fosse possível identificar necessidades informacionais nessa entidade (por exemplo, controles gerenciais, controles e/ou procedimentos contábeis ou a necessidade de algum tipo de controle financeiro/orçamentário familiar), caracterizando esta dinâmica como o estudo de caso junto à comunidade. O propósito desta pesquisa foi identificar necessidades informacionais de determinada entidade a fim de prover o emprego das principais práticas apreendidas ao longo do curso como um todo, e ainda, com o auxílio dos conhecimentos apreendidos a partir do treinamento sobre planilhas eletrônicas, bem como, assimilar os aprimoramentos usuais do processo de pesquisa em campo.

A partir daquela necessidade informacional identificada, cada dupla deveria propor, elaborar e testar uma planilha eletrônica de cálculo com funções, o mais automatizadas possível, de acordo com o conteúdo abordado no treinamento inicial em laboratório, de tal maneira que fosse capaz de atender àquelas necessidades de informações identificadas

anteriormente, e ainda, permitisse reduzir e simplificar os processos de cálculo/controle por parte da entidade alvo da respectiva pesquisa, conferindo maior agilidade e precisão ao respectivo processo informacional e apoio na tomada de decisão da entidade pesquisada (entidade empresária de qualquer natureza econômica - comércio, serviço ou indústria - escritório de contabilidade ou algum nicho familiar).

Nesse momento da atividade proposta, ocorreu de forma mais intensa a troca dialógica de saberes com a comunidade externa (especializada profissionalmente ou em ambiente empresarial e até doméstico). Pois, a busca por desenvolver a aplicação, em um contexto real, das habilidades adquiridas ao longo do curso de Ciências Contábeis, com o auxílio do treinamento inicial, contribuiria para a valorização prática desse conteúdo. Essa busca também deveria permitir que a comunidade externa identificasse recursos próprios de planilhas eletrônicas de cálculo capazes agilizar algumas de suas rotinas contábeis, controles empresariais e/ou domésticos.

Nas semanas 11 e 12, a fim de ilustrar e orientar o processo de construção da planilha de cálculo alvo do processo de pesquisa e aplicação do conteúdo, os alunos contaram com a apresentação, por parte do professor proponente, de 2 aplicações práticas do conteúdo ministrado e exercitado naquelas 21 horas iniciais de treinamento, conforme os seguintes tópicos propostos:

- a)aplicação 1: planilha de apoio ao controle de finanças, de uso pessoal (familiar) ou empresarial, com vistas à previsão do respectivo fluxo de caixa; e
- b)aplicação 2: folha de pagamentos com individualização e resumo (remuneração e descontos; tabelas de descontos do INSS e IR; vinculação de tabelas de desconto com a folha; simulação do cálculo da folha; atualização dos parâmetros da folha).

Finalmente, nas semanas 13 e 14, os alunos deveriam apresentar em sala de aula/laboratório de informática as respectivas planilhas eletrônicas, com as devidas automatizações de cálculo por meio de fórmulas e o consequente funcionamento geral, tomando como base a entidade ou empresa pesquisada. Nesse momento, deveriam ser descritas as experiências vividas ao longo do processo de troca dialógica de saberes com a comunidade externa (especializada profissionalmente ou em ambiente empresarial e até doméstico). Pois, além de explicar detalhadamente o funcionamento da sua planilha, cada dupla deveria descrever qual foi a necessidade informacional atendida, e ainda, qual foi a redução e a simplificação dos processos de cálculo e/ou controle atendidos em função das demandas da entidade alvo da respectiva pesquisa, de forma a conferir maior agilidade, controle e precisão ao respectivo processo de informação.

Os alunos também foram incentivados a coletar, junto àquelas entidades, as respectivas percepções acerca do conhecimento levado até elas, como forma de intercâmbio do conhecimento vivenciado por ambos, uma vez que o processo de ensino-aprendizagem não ocorre de forma unilateral, especialmente em uma atividade de extensão que busca a aplicação de conhecimento com vistas ao benefício mútuo, ou seja, para o aluno, que aplica na prática o conhecimento, e para a entidade contábil especializada profissionalmente, ambiente empresarial ou de controle doméstico, no qual ocorre tal aplicação.

Após a conclusão da atividade curricular de extensão, portanto, após o diagnóstico, proposição, elaboração e aplicação de uma planilha eletrônica em algum tipo de empresa ou nicho familiar (entidade), os alunos deveriam realizar a avaliação da ação extensionista como um todo. E, para tanto, foi solicitada a respectiva percepção acerca de 8 fatores objetivos sobre o desenvolvimento da ação como um todo, além da indicação (voluntária) dos respectivos “pontos fortes”, “pontos fracos” e “sugestões para melhoria”. Os fatores alvo da avaliação objetiva contemplaram as seguintes variáveis: satisfação geral com a atividade de extensão; atendimento às expectativas; contribuição para o conhecimento específico (planilhas eletr. de cálc.); desenvolvimento de novas habilidades técnicas (planilhas eletr. de cálc.); compreensão acerca da aplicação do conhecimento específico nas Ciências Contábeis; contribuição para o desenvolvimento profissional como futuro contador; contribuição para o desenvolvimento de habilidades aplicáveis no mercado de trabalho; contribuição para desenvolvimento de autoconfiança na aplicação do conhec. (planilhas eletrônicas de cálculo) em situações profissionais.

De forma análoga, as entidades participantes da atividade curricular de extensão também realizaram a avaliação da ação extensionista como um todo, na qual foi solicitada a respectiva percepção acerca de 8 fatores objetivos sobre o desenvolvimento da ação como um todo, e ainda, os respectivos resultados, além da indicação (voluntária) dos respectivos “pontos fortes”, “pontos fracos” e “sugestões para melhoria”. Os fatores alvo da avaliação objetiva das entidades/empresas contemplaram as seguintes variáveis: satisfação com a forma de realização da atividade curricular de extensão (profissional e eficiente); percepção de utilidade/aplicação; nível de atendimento das necessidades satisfeitas pela planilha em si; pretensão de continuar utilizando a planilha elaborada; aproximação entre a universidade e a comunidade externa; eficácia na aplicação dos conhecimentos acadêmicos em Ciências Contábeis em situações práticas; pretensão de participação futura em novas ações de extensão realizadas pela universidade, por meio do curso de graduação em ciências.

Especificamente no processo de avaliação objetiva, os avaliadores/respondentes da atividade curricular de extensão, tanto na perspectiva dos alunos quanto das entidades, foram incitados a atribuir qualquer nota entre 0 (zero) e 10 (dez), inclusive fração, de forma que expressar as suas percepções acerca de cada item avaliado. Sendo que, esse conjunto de dados foi tabulado e analisado a partir de estatísticas descritivas, de acordo com cada uma daquelas duas perspectivas (alunos e entidades). Adicionalmente, tanto alunos quanto entidades tiveram os resultados da avaliação subjetiva (indicação voluntária de pontos fortes, fracos e sugestões) resumidos e analisados a partir de formação de nuvens de palavras.

Esta ação extensionista foi desenvolvida no âmbito do curso de Ciências Contábeis de uma universidade pública de Minas Gerais, envolvendo a participação de 24 alunos em período integral, sendo atendidas 13 entidades externas à comunidade acadêmica, das quais, 11 pertenciam ao segmento de serviços (incluindo salões de beleza, pet shop, escritório de advocacia, artesanato, tatuagem, consultoria empresarial, fotografia, aluguel de roupas, diarista e bronzeamento), e ainda, 2 empresas do segmento comercial (comércio de frios e de roupas).

Dessa maneira, essa investigação pode ser caracterizada como um relato de caso acerca de uma prática empírica, cujos resultados foram analisados qualitativa e quantitativamente.

#### **4 Análise dos Dados, Apresentação e Discussão dos Resultados**

Os resultados da avaliação objetiva, descritos na Tabela 1, indicam um alto grau de satisfação dos alunos com a atividade de extensão voltada à elaboração de planilhas eletrônicas de cálculo para apoio à gestão de entidades. A média geral de satisfação foi de 9,00, com moda e mediana em 10,00 e 9,00, respectivamente, revelando uma percepção amplamente positiva da experiência.

Esse dado corrobora o papel da extensão como instrumento formativo, conforme discutido por Coelho (2015), ao deslocar o eixo pedagógico tradicional para uma relação mais direta entre aluno e comunidade. A atividade permitiu aos estudantes aplicarem conhecimentos específicos das Ciências Contábeis em contextos reais com o auxílio de planilhas eletrônicas de cálculo, como evidenciado pela média de 9,58 na variável “compreensão acerca da aplicação do conhecimento específico”, e pela média de 9,42 na “contribuição para o conhecimento específico”.

Ainda segundo as informações contidas na Tabela 1, os alunos reconheceram o desenvolvimento de habilidades técnicas (média de 9,29) e competências aplicáveis ao

mercado de trabalho (média de 9,62), o que reforça a ideia de que a extensão universitária promove experiências práticas que não são plenamente assimiladas no ensino convencional em sala de aula (Coelho, 2015; Carvalho; Oliveira, 2025). A alta pontuação na variável “contribuição para o desenvolvimento profissional como futuro contador” (média de 9,29) também aponta para o impacto da atividade na formação identitária e profissional dos participantes.

**Tabela 1** – Resumo descritivo da avaliação objetiva, na perspectiva dos alunos

Variáveis	N	Média	Intervalo de confiança <sup>a</sup>		Mediana	Desvio	Mínimo	Máximo	Moda
			lim. inf.	lim. sup.					
Satisfação geral com a atividade de extensão	24	9,00	8,63	9,37	9,00	0,93	7,00	10,00	10,00
Atendimento às expectativas	24	9,10	8,69	9,52	9,50	1,04	7,00	10,00	10,00
Contribuição para o conhecimento específico (planilhas eletr. de cálc.)	24	9,42	8,90	9,93	10,00	1,28	5,00	10,00	10,00
Desenvolvimento de novas habilidades técnicas (planilhas eletr. de cálc.)	24	9,29	8,73	9,85	10,00	1,40	5,00	10,00	10,00
Compreensão acerca da aplicação do conhecimento específico nas Ciências Contábeis	24	9,58	9,30	9,87	10,00	0,72	8,00	10,00	10,00
Contribuição para o desenvolvimento profissional como futuro contador	24	9,29	8,87	9,71	10,00	1,04	6,00	10,00	10,00
Contribuição para o desenvolvimento de habilidades aplicáveis no mercado de trabalho	24	9,62	9,25	9,99	10,00	0,92	6,00	10,00	10,00
Contribuição para desenvolvimento de autoconfiança na aplicação do conhec. (planilhas eletrônicas de cálculo) em situações profissionais	24	8,79	8,17	9,42	9,50	1,56	5,00	10,00	10,00

(a) Nível de confiança = 95%

**Fonte:** elaborado pelos autores, com base nos dados da pesquisa.

A variável com menor média foi “contribuição para o desenvolvimento de autoconfiança” (8,79), embora ainda dentro de um intervalo de avaliação elevado. Esse resultado sugere que, apesar da eficácia técnica da atividade, o fortalecimento da segurança pessoal na aplicação dos conhecimentos pode demandar ações complementares, como mentorias ou vivências mais prolongadas.

A avaliação dos alunos confirma os pressupostos da extensão como prática transformadora, articuladora entre ensino, pesquisa e ação social (Hunger *et al.*, 2014; Soares,

2025). Ao mesmo tempo, evidencia a superação da dicotomia entre teoria e prática, promovendo uma formação mais integrada e contextualizada.

Esses achados reforçam a importância da extensão universitária como componente curricular e como estratégia pedagógica capaz de promover o engajamento dos estudantes com a realidade social, conforme defendido por Ortiz-Rojo e Lacruz (2025). A atividade aqui relatada e analisada exemplifica como a universidade pode cumprir sua terceira missão, ou seja, o serviço à sociedade, por meio de ações que beneficiam simultaneamente os alunos e as comunidades envolvidas.

Passando à avaliação qualitativa realizada pelos alunos, sintetizada naquelas 3 nuvens de palavras descritas na Figura 1, foram observadas percepções ricas e multifacetadas sobre a atividade extensionista voltada à elaboração de planilhas eletrônicas de cálculo para apoio à gestão de entidades externas à universidade. Essa abordagem analítica, distinta da análise objetiva realizada anteriormente por meio de estatísticas descritivas, permite compreender nuances subjetivas da experiência vivida pelos estudantes.

**Figura 1** – Resumo da avaliação subjetiva, na perspectiva dos alunos





**Fonte:** elaborado pelos autores, com base nos dados da pesquisa.

Nos pontos fortes, os alunos destacaram o domínio técnico em Excel, a aplicação prática dos conhecimentos contábeis, o envolvimento com entidades reais e a valorização do trabalho em equipe. Esses elementos confirmam que a atividade extensionista cumpriu seu papel formativo, promovendo a articulação entre teoria e prática, conforme discutido por Coelho (2015) e Carvalho e Oliveira (2025). A presença de termos como “projeto” e “entidade” reforçam a percepção de que os alunos compreenderam a relevância social da ação, alinhando-se à concepção de universidade engajada (Ortiz-Rojo; Lacruz, 2025).

Nos pontos fracos, os alunos apontaram dificuldades relacionadas ao tempo de execução, à comunicação dos resultados (especialmente em apresentações e relatórios), à organização da atividade e à insegurança em situações práticas. Esses aspectos revelam desafios comuns à extensão universitária, como a necessidade de maior planejamento, suporte docente contínuo e preparação prévia dos alunos. Tais limitações estão em consonância com as ambiguidades práticas da extensão discutidas por Jezine (2001) e Gadotti (2017), que alertam para a importância de consolidar metodologias adequadas à realidade extensionista.

Nas sugestões para melhoria, os alunos expressaram o desejo por mais aulas preparatórias, aprofundamento técnico nas ferramentas utilizadas, maior tempo de execução e apoio docente mais próximo. Essas propostas revelam um engajamento crítico com a atividade e indicam que os estudantes não apenas reconhecem seus benefícios, mas também estão dispostos a contribuir para seu aprimoramento. A demanda por capacitação e

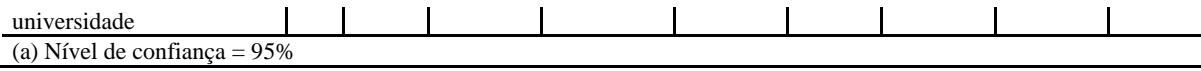
continuidade reforça a importância de integrar a extensão ao currículo de forma estruturada, conforme previsto pela Resolução MEC/CNE/CES nº 7/2018 (Soares, 2025).

De modo geral, a avaliação qualitativa dos alunos confirma que a atividade extensionista foi percebida como significativa, transformadora e tecnicamente relevante. Ao mesmo tempo, evidencia que sua eficácia depende de fatores pedagógicos e institucionais que precisam ser continuamente aperfeiçoados. A experiência relatada pelos estudantes reforça o papel da extensão como prática formadora, promotora de inclusão e ponte entre universidade e sociedade, que foram elementos centrais do referencial teórico que fundamenta esta pesquisa.

Ao realizar a análise sob a perspectiva das entidades atendidas pela ação extensionista objeto desse estudo, os dados resumidos na Tabela 2 revelam um alto nível de satisfação com os resultados obtidos. A média de 9,85 nas variáveis “satisfação com a ação promovida pela universidade” e “satisfação com a forma de realização” indica que a atividade foi percebida como profissional, eficiente e relevante. Esses dados confirmam o papel da universidade como agente de transformação social, capaz de oferecer soluções práticas e qualificadas para demandas reais da comunidade (Ortiz-Rojo; Lacruz, 2025).

**Tabela 2** – Resumo descritivo da avaliação objetiva, na perspectiva das entidades externas à universidade

Variáveis	N	Média	Intervalo de confiança <sup>a</sup>		Mediana	Desvio	Mínimo	Máximo	Moda
			lim. inf.	lim. sup.					
Satisfação com ação promovida pela universidade	13	9,85	9,54	10,15	10,00	0,55	8,00	10,00	10,00
Satisfação com a forma de realização (profissional e eficiente)	13	9,85	9,54	10,15	10,00	0,55	8,00	10,00	10,00
Percepção de utilidade/aplicação	13	9,77	9,44	10,09	10,00	0,60	8,00	10,00	10,00
Nível de atendimento das necessidades satisfeitas pela planilha em si	13	9,92	9,77	10,07	10,00	0,28	9,00	10,00	10,00
Pretensão de continuar utilizando a planilha elaborada	13	9,08	7,56	10,59	10,00	2,78	0,00	10,00	10,00
Aproximação entre a universidade e a comunidade externa	13	9,69	9,28	10,10	10,00	0,75	8,00	10,00	10,00
Eficácia na aplicação dos conhecimentos acadêmicos em Ciências Contábeis em situações práticas	13	9,92	9,77	10,07	10,00	0,28	9,00	10,00	10,00
Pretensão de participação futura em novas ações de extensão realizadas pela universidade, por meio do curso de graduação em Ciências Contábeis da	13	8,77	7,66	9,88	10,00	2,05	4,00	10,00	10,00



**Fonte:** elaborado pelos autores, com base nos dados da pesquisa.

A percepção de utilidade e aplicação das planilhas eletrônicas de cálculo também foi altamente positiva (média de 9,77), assim como o nível de atendimento das necessidades específicas das entidades (média de 9,92). Esses resultados evidenciam a eficácia da aplicação dos conhecimentos acadêmicos em situações práticas, reforçando a função da extensão como canal de materialização do saber universitário em benefício da sociedade (Jezine, 2001; Coelho, 2015).

A variável “aproximação entre a universidade e a comunidade externa” obteve média de 9,69, demonstrando que a ação contribuiu para estreitar os laços entre os dois universos. Esse dado é especialmente relevante à luz da concepção da extensão como atividade extramuros, voltada à construção de vínculos e à troca de saberes entre academia e sociedade (Coelho, 2015).

A pretensão de continuar utilizando as planilhas elaboradas (média de 9,08) e de participar de futuras ações de extensão (média de 8,77) revela não apenas a satisfação com os resultados imediatos, mas também o interesse em manter vínculos com a universidade. Ainda que essas médias sejam ligeiramente inferiores às demais, elas indicam um potencial de continuidade e aprofundamento da parceria, o que é coerente com a proposta de uma universidade engajada e cívica (Ortiz-Rojo; Lacruz, 2025).

Esses achados reforçam a importância da extensão universitária como prática que atende às demandas da sociedade, promove inclusão e contribui para o desenvolvimento local. A ação analisada exemplifica como a universidade pode cumprir sua terceira missão, o serviço à sociedade, por meio de intervenções concretas e transformadoras.

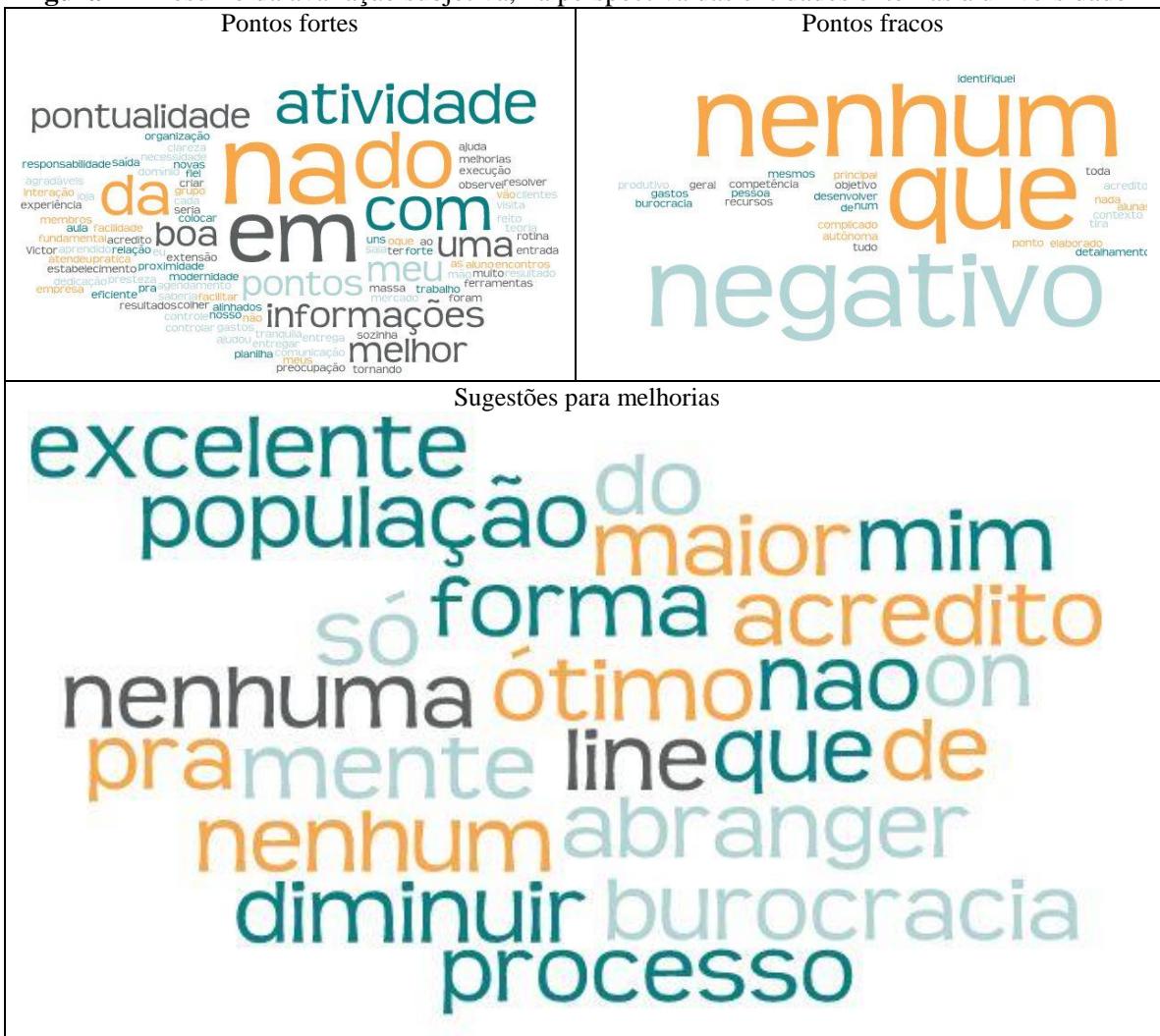
Ao realizar a avaliação qualitativa sob a perspectiva das entidades atendidas pela ação extensionista, a Figura 2 revela uma percepção amplamente positiva sobre a iniciativa promovida pela universidade, conforme as nuvens de palavras geradas com base nas respostas abertas, sendo possível identificar os principais aspectos valorizados, os poucos pontos de atenção e as sugestões de aprimoramento.

Nos pontos fortes, as entidades destacaram a qualidade das informações geradas, a pontualidade na entrega, a utilidade prática das planilhas e a organização da atividade. Esses elementos indicam que a ação extensionista foi percebida como profissional, eficiente e relevante para os processos de gestão das organizações envolvidas. A valorização da pontualidade e da clareza das informações reforça a credibilidade institucional da

universidade e sua capacidade de oferecer soluções aplicadas, conforme discutido por Coelho (2015) e Ortiz-Rojo e Lacruz (2025).

Nos pontos fracos, os termos mais recorrentes foram nenhum e negativo, sugerindo que a maioria das entidades não identificou falhas relevantes na atividade. Essa ausência de críticas diretas confirma a eficácia da ação e sua adequação às expectativas das organizações. Ainda assim, termos como autonomia, recursos e gestão indicam que algumas entidades enfrentam desafios internos que podem limitar a plena aplicação dos conhecimentos recebidos, o que está em consonância com os obstáculos enfrentados por instituições do Sul Global, conforme apontado por Ortiz-Rojo & Lacruz (2025).

**Figura 2** – Resumo da avaliação subjetiva, na perspectiva das entidades externas à universidade



**Fonte:** elaborado pelos autores, com base nos dados da pesquisa.

Nas sugestões para melhoria, as entidades expressaram o desejo de ampliar o alcance da atividade, reduzir burocracias e melhorar os processos de execução. A menção à população

como alvo desejado das melhorias revela que as organizações reconhecem o potencial da universidade em promover impactos sociais mais amplos. A crítica à burocracia sugere a necessidade de tornar as ações extensionistas mais ágeis e acessíveis, o que reforça a importância de políticas institucionais que favoreçam a flexibilidade e a colaboração.

De modo geral, a avaliação qualitativa das entidades externas confirma que a atividade extensionista foi bem-sucedida em sua proposta de oferecer suporte técnico e organizacional a entidades da comunidade. A percepção positiva, aliada às sugestões de aprimoramento, revela um ambiente propício à continuidade e ao aprofundamento das parcerias entre universidade e sociedade.

Esses achados reforçam a concepção da extensão universitária como prática transformadora, capaz de promover o desenvolvimento local, fortalecer vínculos institucionais e contribuir para a formação cidadã dos estudantes, cumprindo, assim, a terceira missão da universidade de forma concreta e eficaz.

## 5 Considerações Finais

A ação extensionista analisada neste estudo envolveu a participação de 24 alunos do curso de Ciências Contábeis, em período integral, e o atendimento a 13 entidades externas à universidade, pertencentes majoritariamente ao segmento de serviços, além de representantes do comércio. O principal resultado da pesquisa evidencia que a atividade foi amplamente reconhecida como eficaz, útil e transformadora por ambos os grupos envolvidos. As avaliações objetivas revelaram altos índices de satisfação, com médias superiores a 9,5 em praticamente todas as variáveis, enquanto as avaliações qualitativas destacaram a relevância prática, a organização da ação e o fortalecimento da relação entre universidade e comunidade.

Apesar dos resultados positivos, duas limitações devem ser consideradas. A primeira refere-se à restrição temporal da atividade, apontada por alguns alunos como fator que comprometeu a profundidade da experiência e a segurança na apresentação dos resultados. A segunda diz respeito à heterogeneidade das entidades atendidas, que, embora enriquecedora, pode ter exigido dos alunos um nível de adaptação técnica e comunicacional superior ao previsto, especialmente diante da diversidade de segmentos e perfis organizacionais.

Para continuidade e aprimoramento da ação, duas sugestões se destacam. A primeira é a ampliação da carga horária preparatória, com oferta de oficinas técnicas e momentos de capacitação específicos sobre comunicação, elaboração de relatórios e uso avançado de ferramentas relacionadas às planilhas eletrônicas de cálculo. A segunda é a implementação de

estratégias de acompanhamento pós-intervenção, como mentorias ou visitas técnicas, que permitam às entidades consolidarem o uso das planilhas e adaptar os conhecimentos adquiridos às suas rotinas de gestão.

Em síntese, a atividade extensionista cumpriu seu papel formativo e social, promovendo a aplicação concreta dos saberes acadêmicos em benefício da comunidade. A experiência revelou o potencial da universidade como agente de transformação, capaz de articular ensino, pesquisa e extensão em práticas que geram impacto real. Os resultados obtidos reforçam a importância de consolidar políticas institucionais que valorizem a extensão como eixo estruturante da formação superior, contribuindo para a construção de uma universidade mais engajada, inclusiva e conectada às demandas da sociedade.

## Referências

- CARVALHO, G. C. de; OLIVEIRA, A. M. de J.. Projeto declare certo: IRPF solidário. **Revista Extensão**, [s. l.], v. 9, n. 6, p. 17-21, 11 ago. 2025. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/extensao/article/view/10341>. Acesso em: 10 nov. 2025
- COELHO, G. C.. O papel pedagógico da extensão universitária. **Revista Em Extensão**, Uberlândia, v. 13, n. 2, p. 11–24, 2015. DOI: [https://doi.org/10.14393/REE-v13n22014\\_art01](https://doi.org/10.14393/REE-v13n22014_art01). Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/26682>. Acesso em: 7 nov. 2025.
- GADOTTI, M.. **Extensão universitária: para quê?** São Paulo, SP: Instituto Paulo Freire, 2017. Disponível em: <https://paulofreire.org/9-noticias/247-extensao-universitaria-para-que>. Acesso em: 07 nov. 2025.
- HUNGER, D.; ROSSI, F.; PEREIRA, J. M.; NOZAKI, J. M.. O dilema extensão universitária. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.30, n.03, |p.335-354, julho-setembro 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/edrevista/article/view/21147>. Acesso em: 7 nov. 2025.
- JEZINE, E. M.. Multiversidade e extensão universitária. **Participação**, [s. l.], v. 5, n. 10, p. 13–21, 2001. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/participacao/article/view/30046> . Acesso em: 7 nov. 2025.
- MEDEIROS, M. M. de. A extensão universitária no Brasil: um percurso histórico. **BARBAQUÁ**, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 9–16, 2017. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/barbaqua/article/view/1447>. Acesso em: 7 nov. 2025.
- ORTIZ-ROJO, R. A.; LACRUZ, A. J.. Evaluating a university public engagement model through outreach projects: Professors' involvement and measurement implications. **Technological Forecasting and Social Change**, [s. l.], v. 215, e-article 124106, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.techfore.2025.124106>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0040162525001374>. Acesso em: 10 nov. 2025.

PAULA, J. A. de. **A extensão universitária: história, conceito e propostas**. *Interfaces - Revista de Extensão*, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 05-23, jul./nov. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistinterfaces/article/view/18930>. Acesso em: 7 nov. 2025.

SOARES, T.. Curricularização da extensão: a importância do Núcleo de Apoio Fiscal e Contábil (NAF) na escola e na comunidade. **Revista Eixos Tech**, [s. l.], v.12, n.2, setembro, 2025. DOI: <https://doi.org/10.18406/2359-1269v12n22025566>. Disponível em: <https://psl.pas.if sulde minas.edu.br/index.php/eixostech/article/view/566>. Acesso em: 10 nov. 2025.

YOSHIDA, W. B.. Writing a case report. **J. Vasc. Bras.**, [s.l.], v. 6, n. 2, p. 112-113 June 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1677-54492007000200004>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jvb/a/vnKt5ttNpdFMjf6dLcmnM4Q/?lang=en>. Acesso em: 10 nov. 2025.